

Recebido em: 05/04/2022
Aprovado em: 16/05/2022
Publicado em: 30/09/2022

O EU E SUA AMBIGUIDADE EM FREUD¹ entre a teoria e a técnica

THE EGO AND ITS AMBIGUITY IN FREUD between theory and technique

Munique Gaio Filla²
(muniquegf@gmail.com)

Resumo: O objetivo é expor o contraste entre as consequências teóricas da dessexualização para o Eu e o lugar que ele ocupa no tratamento psicanalítico, segundo Freud. Por um lado, as identificações do Eu implicam a desistência dos objetos sexuais e, com isso, a dessexualização, ocasionando a defusão pulsional, devido ao enfraquecimento do componente erótico que liga a pulsão de morte. Desse modo, o Eu age a favor de Eros, mas também das pulsões inimigas, promovendo o desligamento. Por outro lado, uma das principais metas do tratamento consiste em fortalecer o Eu, que deve se apropriar de conteúdos do Isso e conciliar suas exigências com aquelas do Supereu e do mundo externo. Neste sentido, a ambiguidade do Eu é realçada por uma tensão interna à psicanálise freudiana, já que esta revela a condição dúbia do Eu diante das pulsões, ao mesmo tempo em que aposta unilateralmente na sua capacidade de unificar a vida anímica na técnica.

Palavras-chave: Freud. Eu. Dessexualização. Tratamento. Ambiguidade.

Abstract: The objective is to expose the contrast between the theoretical consequences of desexualization for the Ego and the place it occupies in psychoanalytic treatment, according to Freud. On the one hand, the identifications of the Ego imply the giving up of sexual objects, desexualization, which generates drive defusion, due to the weakening of the erotic component that binds the death drive. In this way, the Ego acts in favor of Eros, but also of enemy drives, promoting unbinding. On the other hand, one of the main aims of treatment is to strengthen the Ego, which must appropriate the contents of the Id and reconcile its demands with those of the Superego and the external world. In this sense, the ambiguity of the Ego is highlighted by an internal tension in Freudian psychoanalysis, since it reveals the dubious condition of the Ego in the face of drives, at the same time that it unilaterally bets on its ability to unify the psychic life in technique.

Keywords: Freud. Ego. Desexualization. Treatment. Ambiguity.

¹ Este artigo é resultado parcial da pesquisa de doutorado em andamento e só se tornou possível pelo apoio institucional e financeiro da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) – Processo n.º 2018/09039-0. Trata-se de um desdobramento de uma investigação da função de síntese do Eu e de seus impasses, que pude realizar em outra oportunidade (Ver Filla, 2022).

² Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestra em Filosofia e Graduada em Psicologia pela mesma instituição.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1337863356487950>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7767-4968>.



1 O RETORNO AO PROBLEMA DO EU EM FREUD

A noção de Eu (*Ich*) na teoria freudiana preserva o seu interesse devido a uma série de motivos, dos quais destacarei dois, por servirem de impulso às elaborações a serem apresentadas neste artigo. O primeiro deles consiste na relevância do conceito para a questão, já muito debatida, do descentramento do sujeito. Segundo Monzani (1989a), houve nada menos que uma revolução levada a cabo pelo fundador da psicanálise, por meio da mutação da concepção de sujeito sustentada pela tradição ocidental moderna, sobretudo no que se refere à herança cartesiana³. É bem conhecida a perspectiva que o próprio Freud apresenta do discurso psicanalítico como uma das mais graves afrontas ao narcisismo da humanidade, depois da revolução copernicana e da teoria da evolução de Darwin. Esse ponto de vista tem como um de seus pilares a modificação na forma de conceber o Eu, que não é senhor na própria casa, na medida em que desconhece grande parte de seus processos psíquicos, como revela a hipótese psicanalítica do inconsciente (FREUD, 1992a)⁴.

Com a concepção psicanalítica do Eu que desconhece a si mesmo, Freud, como se sabe, contribui para descentrar o sujeito. Em contrapartida, a problemática do Eu também é uma das vias por meio da qual alguns autores relativizam isso em sua interpretação do saber psicanalítico. Laplanche (2016) é um deles, ao considerar Freud não apenas como Copérnico, mas também como Ptolomeu de si mesmo, por alternar os movimentos de “descentramento” e “recentramento” em seu pensamento, e incluir a questão do Eu em seu argumento. Para o psicanalista francês, há uma ambiguidade da teoria freudiana em relação a essa subversão do sujeito moderno⁵, que repousa, em partes, no fato de Freud defender que o Eu deve reintegrar aquilo que está separado dele, na direção de uma domesticação do inconsciente. Isso seria uma tentativa de reposicionar o Eu no centro, em alguma medida, e se manifestaria de forma nítida no tratamento psicanalítico, no qual “o ego aí não pára de trabalhar para tentar recolocar em ordem os elementos inconscientes ‘recuperados’” (LAPLANCHE, 2016, p. 11)⁶. Isto significa,

³ Ainda que a tarefa de descentrar o sujeito seja iniciada antes de Freud e não termine com ele.

⁴ As citações de Freud foram cotejadas com a edição *Gesammelte Werke*, Ed. Fischer. Os termos em alemão que considero importantes, seja por envolverem dificuldades de tradução, seja para manter a precisão, serão reproduzidos entre parênteses.

⁵ Vale notar que De Santi (2003, pp. 176-180) destaca a ambiguidade de Freud em relação à subversão do sujeito, tal como era concebido na modernidade, e cita não apenas esse trabalho de Laplanche para sustentar isso, mas também Maria Rita Kehl e Garcia-Roza. Além disso, temos as contribuições de Loureiro (2002, pp. 344-350), em seu último capítulo, no qual ela relembra expressões utilizadas entre comentadores clássicos de Freud para qualificar o que ela chama de “hibridismo” de sua teoria (“romantismo científico” de Thomas Mann e “Iluminismo sombrio” de Yovel, para citar alguns exemplos).

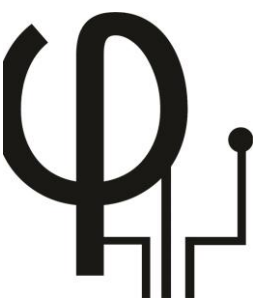
⁶ O termo “ego”, no lugar de Eu, para verter o *Ich* será utilizado apenas em citações literais de comentadores que fazem essa opção.

portanto, que o estudo do Eu em Freud participa do debate acerca do lugar ocupado pela teoria psicanalítica em relação à questão do descentramento do sujeito.

Além disso, o pensamento de Freud sobre o Eu tem impactos não menos importantes na técnica psicanalítica. Este é o segundo motivo que estimula as reflexões que pretendo desenvolver. Freud (1991a, p. 133) reconhece as relações íntimas entre “opiniões teóricas e ações terapêuticas”, a ponto de considerar este um fator de peso para as diversas secessões ocorridas no movimento psicanalítico, como as de Jung e Adler. Se fossem meras diferenças de opinião, seriam toleráveis por mais tempo, mas esse não costuma ser o caso da psicanálise, algo que se mantém até a atualidade, se nos lembrarmos das diversas escolas psicanalíticas e os seus modos particulares de teorização e atuação. A maneira de conceber o Eu, sua relação com o inconsciente e com a vida pulsional, seu estatuto no aparelho psíquico, entre outras nuances deste conceito, são fatores que incidem na forma de abordá-lo no tratamento psicanalítico, fundamentando diferenças técnicas mais ou menos sutis, que fundam, por sua vez, campos psicanalíticos distintos.

A partir daqui, então, retorno ao problema do Eu na teoria freudiana. Para delinear os objetivos deste artigo, recupero novamente Monzani (1989b). Ao se debruçar sobre a passagem da primeira para a segunda tópica psíquica, o autor indica a noção de *Ich* como um dos principais impasses que exigiram essa reformulação, em virtude da ambiguidade que o caracteriza desde os primeiros textos de Freud: “Ora ele parece se identificar com o sistema percepção-consciência, ora ele parece ser mais extenso que este último, levando seus domínios para além do consciente e do pré-consciente, e mergulhando no inconsciente” (MONZANI, 1989b, p. 244). Além disso, com a entrada em cena do narcisismo, a natureza sexual do Eu é revelada, e em sua constituição é incluída a formação de ideal, que abre a possibilidade de decomposição do espaço psíquico do Eu em diferentes partes.

Entretanto, se essa complexidade do Eu representou uma das alavancas principais para as revisões levadas a cabo a partir de 1920, o caráter dúbio desta instância psíquica está longe de ter se esclarecido com a formulação da segunda teoria do aparelho psíquico e da segunda teoria pulsional. Para o filósofo, “essa tentativa de agrupar as diferentes funções e instâncias através da noção de ego não significou que essa noção deixasse de ser menos problemática que antes. Na verdade, *o conceito de ego é um dos mais ambíguos da teoria psicanalítica*” (MONZANI, 1989b, p. 249, *grifos nossos*). A referida ambiguidade começa com as duas acepções do termo, irreduzíveis uma à outra no pensamento de Freud, como nos mostra Laplanche (1985) – aquela que remete ao Eu como indivíduo ou pessoa em sua totalidade, e outra que seria técnica, na medida em que designa uma instância psíquica, tal como o Isso



e o Supereu –; mas avança até a complexa posição do Eu entre essas duas instâncias e o mundo externo. Dada a sua condição de “ser fronteiro” (*Grenzwesen*) para Freud (1992b, p. 56), transita entre o que há de mais profundo, o submundo do Isso, donde se origina; o que há de mais elevado no aparelho psíquico, os estratos mais superiores ocupados pelo Supereu; e as exigências da realidade. Contudo, não termina nesse aspecto, visto que chega até a sua complexa relação com os dois grupos de pulsões, considerando a sua função de síntese, cuja tarefa consiste em conciliar as demandas díspares que o atingem, o que o faz aliado das pulsões de vida, e a sua concomitante contribuição para as atividades da pulsão de morte, já que desempenha um papel protagonista nos processos de dessexualização.

Diante disso, proponho tratar de uma das facetas da ambiguidade radical do Eu, aquela que se desdobra a partir do conceito correlato a este e, de modo geral, pouco destacado nas pesquisas sobre Freud: a dessexualização. Com ênfase no cenário posterior às modificações da teoria pulsional e da tópica psíquica, pretendo fazer não apenas uma breve apresentação desta noção, localizando-a nos textos freudianos, bem como indicar suas consequências para o funcionamento do Eu e a sua dinâmica pulsional. Em seguida, buscarei confrontar essa caracterização do Eu com a posição central que Freud o outorga nas diretrizes do tratamento analítico, para que este se aproxime do objetivo de curar o paciente. Espero que esse contraste seja capaz de lançar luz sobre o lugar ocupado pelo Eu, no sentido de reiterar as contradições que ele carrega para Freud, sob as perspectivas intrincadas da teoria e da técnica.

2 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES À NOÇÃO DE DESSEXUALIZAÇÃO

O termo *Desexualisierung* é introduzido pela primeira vez por Freud em 1921, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, como discorre Scarfone (1997, p. 130). Na verdade, Freud utiliza o adjetivo ligado a ele – *desexualisiert* – para tratar das ligações libidinosas que o indivíduo é capaz de estabelecer com o outro, sem que haja uma satisfação sexual direta em vista, o que explicaria a formação das massas. Além disso, aconteceria tanto no campo da relação com a mulher, “quanto no amor *dessexualizado*, sublimadamente homossexual por outro homem” (FREUD, 2020a, p. 96, *grifos nossos*). Uma segunda ocorrência se encontra no artigo *A Teoria da Libido*, de 1923. O psicanalista, ao traçar uma espécie de itinerário de sua teoria da libido, explica que, com a introdução do conceito de narcisismo, pode ter sido produzida a “aparência” de que a psicanálise trabalharia com a ideia de libido primordial de Jung, embora se oponha a esta, “particularmente porque uma certa *dessexualização*, uma

desistência das metas sexuais específicas inevitavelmente está ligada com a transformação da libido de objeto em narcisismo” (FREUD, 1992c, p. 252, *grifos nossos*).

Há também menções à dessexualização junto à identificação, no contexto da superação do complexo de Édipo, a qual depende da renúncia aos investimentos de objeto incestuosos e de sua substituição por identificações, tendo como resultado a edificação do Supereu. Em 1924, com a publicação de *O Declínio do Complexo de Édipo*, Freud (2021a, p. 263, *grifos nossos*) afirma que os anseios libidinais dirigidos aos pais “serão em parte *dessexualizados* e sublimados, o que provavelmente ocorre em cada transformação em identificação, e em parte inibidos quanto às metas [*zielgehemmt*] e transformados em moções de ternura”. Idêntica posição é assumida n’*O Problema Econômico do Masoquismo*, também de 1924. Diante da superação do Édipo, o Supereu se origina com o fato dos primeiros objetos libidinais do Isso, os pais, terem sido introjetados no Eu, operação na qual “a relação com eles foi *dessexualizada*, sofreu um desvio das metas sexuais diretas” (FREUD, 2021a, p. 297, *grifos nossos*).

Esse mapeamento, que não pretendeu ser exaustivo, já nos permite ir ao encontro da afirmação de Scarfone (1997, p. 130, *grifos do autor*) – apesar do aparecimento tardio do vocábulo, “*desde sempre* a dessexualização se inscrevia em uma série de conceitos importantes da teoria freudiana: identificação, sublimação, narcisismo”⁷. Termos que tocam, conforme o autor, na possibilidade de destinos do sexual diferentes da satisfação sexual direta. Quanto à sublimação, pelo menos desde 1905, nos *Três Ensaios sobre Teoria Sexual*, já está presente a ideia de que as pulsões sexuais são capazes de trocar a satisfação sexual por outro tipo de descarga, não sexual. Se, com a noção de apoio, Freud já supunha que a realização de funções não sexuais era acompanhada por algum tipo de satisfação sexual, como mostrava o protótipo da nutrição e do ganho de prazer pela estimulação dos lábios, bastava um passo para propor que as forças pulsionais sexuais também podem ser atraídas para metas não sexuais, na atividade sublimatória (FREUD, 1992d). Em menções posteriores à sublimação, Freud (2020a, p. 80) indica que esse desvio da pulsão sexual ocorre em direção a metas mais elevadas ou superiores, por conta de seu valor cultural, como as atividades artísticas e intelectuais, consistindo em um dos meios mais eficazes de “dominar” (*bewältigen*) a libido.

Embora Freud não utilizasse o termo “dessexualizar” propriamente dito, tal ação parece não apenas familiar, mas necessária à sublimação, na medida em que esta supõe “um caso especial de apoio de aspirações sexuais em outras, não sexuais” (FREUD, 1991b, p. 315). O sexual é dirigido ao não sexual, no percurso inverso àquele que caracterizou as primeiras

⁷ “[...] de tout temps la déssexualisation s’inscrivait dans une série de concepts importants dans la théorie freudienne : identification, sublimation, narcissisme.”

experiências, nas quais o cumprimento de necessidades fisiológicas revelou o prazer sexual. É o que também sugerem comentadores como Laplanche (1989, p. 16, p. 20) e Girons (1996, p. 494), ou ainda Campos e Loffredo (2019, p. 3), que aproximam as noções de “sublimação” e “dessexualização” já no âmbito da primeira teoria metapsicológica freudiana.

Quanto aos outros termos associados à ação de dessexualizar por Scarfone (1997) – o narcisismo e a identificação –, as coisas parecem um pouco mais complicadas. Isso porque o narcisismo foi responsável, justamente, por trazer à tona a natureza sexual do campo psíquico do Eu que, pelo menos na maior parte do tempo, era estranho à sexualidade na primeira teoria metapsicológica. Não por acaso, o narcisismo ocupou um papel fundamental nas revisões de 1920, já que trouxe o risco de esmaecer os polos em conflito, por inundar o aparelho psíquico com a libido, “pois tudo seria agora erogeneizado”, como afirma Birman (2018, p. 108). A identificação, por sua vez, pode ser compreendida como a transformação do investimento libidinal do objeto em um investimento narcísico do Eu, com a assimilação ou edificação do objeto no interior do Eu, que se torna, ao mesmo tempo, “sujeito desejante e objeto desejado” (FREUD, 2017, p. 71). De forma análoga ao narcisismo, também parece evocar essa sexualização do aparelho psíquico, em vez de dessexualização. Ainda assim, tanto narcisismo, quanto identificação, remetem àquele deslocamento de uma meta sexual direta em direção a outro destino da pulsão sexual, nesse caso, o Eu. Nesse sentido, implicam em dessexualização, assim como a sublimação.

No entanto, mesmo que todos esses conceitos já convocassem a ideia de dessexualizar, a introdução do termo propriamente dito por Freud deve ter suas razões. Estou de acordo com Scarfone (1997, p. 130, grifos do autor): “*Dessexualização* parece fechar e endurecer a série de termos à qual ele está associado.”⁸. Não se trata apenas do destino do sexual diferente de uma satisfação especificamente sexual. A questão central é que “esse destino não era até aqui o resultado de uma *mutação tão completa* como aquela introduzida pela palavra dessexualização, particularmente segundo a acepção que ela toma em *O Eu e o Isso*”⁹ (SCARFONE, 1997, p. 130, *grifos nossos*). Que mutação tão completa seria essa? Voltemos a esse escrito, que merece uma atenção especial pelo tratamento que confere à dessexualização, para que seja possível compreendê-la.

⁸ “*Déssexualisation semble clore et durcir la série de termes à laquelle il est associé.*”

⁹ “[...] *ce destin n’était pas jusqu’ici le résultat d’une mutation aussi complète que celle introduite par le mot déssexualisation, en particulier selon l’acception qu’il prendra dans Le moi et le ça.*”

3 A DESSEXUALIZAÇÃO EM O EU E O ISSO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O EU

De antemão, tenhamos em vista que o termo dessexualização não parece ter apenas uma acepção em *O Eu e o Isso*. A primeira que gostaria de mencionar se encontra no quarto capítulo do livro citado, na ocasião em que Freud introduz a polaridade entre amor e ódio para abordar a distinção entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. O amor seria representante de Eros e o ódio, da pulsão de morte, já que está relacionado à agressividade, forma por meio da qual uma parte do impulso mortífero se manifesta no mundo exterior. Porém, se for possível atestar que o amor se transforma diretamente em ódio e vice-versa, cai por terra a sustentação de uma diferença qualitativa entre as pulsões de vida e de morte, que Freud (1992b) pretende sustentar. O autor concebe uma distinção radical entre aqueles grupos pulsionais¹⁰, que chegam a pressupor processos fisiológicos contrários, anabolismo ou assimilação (*Aufbau*) e catabolismo ou desassimilação (*Zerfall*), respectivamente (FREUD, 1992b, p. 42). Dito de outro modo, tendências à ligação e ao desligamento, totalmente opostas. Ele mostra, então, a partir de exemplos clínicos – a mudança do amor homossexual em ódio na paranoia e a mudança do ódio em amor homossexual ou em sentimento social dessexualizado –, que essa conversão não parece ser direta; parece estar em pauta uma ambivalência de sentimentos originária que ora recebe um reforço energético do lado de Eros ou do amor, ora o recebe do lado da pulsão de morte ou do ódio. Essa transposição amor-ódio, portanto, teria mais a ver com o fator econômico, do que com uma mudança qualitativa imediata, o que manteria a diferença de qualidade entre os dois grupos de pulsão. No entanto, para que esse fortalecimento dos investimentos ora de um lado, ora do outro, seja possível, é necessário incorrer em outra suposição:

[...] como se na vida anímica houvesse – seja no Eu ou no Isso – uma energia deslocável, que, em si indiferente, pode juntar-se a uma moção erótica ou a uma destrutiva qualitativamente diferenciadas, e elevar seu investimento total. Sem a suposição de uma tal energia deslocável de modo algum avançamos. A única questão é averiguar de onde vem, a quem pertence e o que ela significa (FREUD, 1992b, p. 45).

¹⁰ No contexto do primeiro dualismo, Freud não tinha clareza sobre a distinção de qualidade entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais. Mesmo que deixasse a questão em suspenso, parecia se inclinar na direção oposta àquela assumida no segundo dualismo: “Tal noção não parece se justificar, bastando apenas a mais simples suposição de que todas as pulsões são qualitativamente da mesma ordem e de que devem seu efeito apenas às magnitudes de excitação que cada uma veicula, talvez ainda a certas funções dessa quantidade. O que diferencia as realizações psíquicas das pulsões entre si pode estar relacionado à diversidade de fontes pulsionais” (FREUD, 2021b, p. 26). Agora, como fica claro, ele sustenta a diferença qualitativa entre Eros e pulsão de morte.

Essa energia deslocável e indiferente, por sua vez, deve provir do “estoque libidinal *narcisista*” e ser “Eros dessexualizado”. A possibilidade de desvios e deslocamentos está aberta para as pulsões eróticas, e não para as pulsões de morte, pois até para ganhar representação estas necessitam do erotismo. Essa energia seria, portanto, “libido deslocável” (*verschiebbare Libido*), disposta a fluir por qualquer caminho possível para fazer valer o princípio de prazer; isto significa que, por ser dessexualizada, pode se somar às pulsões de vida ou às pulsões de destruição, tendo como critério a maior chance de satisfação, ou, em outras palavras, maior chance de descarga de quantidades. Tal disposição cega à descarga, por conseguinte, não parece familiar ao Eu, com seus processos organizados e coerentes. Desta forma, Freud conclui que o lugar de origem dessa energia deslocável que circula por todo o aparelho só poderia ser o Isso.

Todo esse malabarismo do psicanalista tem como um de seus pilares a impossibilidade de supor uma energia indiferente no psiquismo que seja anterior a Eros e pulsão de morte ou tão originária quanto eles, como um terceiro grupo pulsional neutro, o que colocaria em xeque todo o edifício dualista ao qual se manteve fiel. Ao mesmo tempo, para explicar as transformações entre amor e ódio, representantes de Eros e pulsão de morte, é preciso supor alguma plasticidade; a solução encontrada é que sejam efeitos do reforço quantitativo com libido dessexualizada. Os comentários de Scarfone (1997, p. 134) vão neste sentido, pois ele considera necessário supor essa energia indiferente, capaz de ser adicionada ou subtraída a favor de objetivos tão opostos, para que haja “movimento” no aparelho psíquico, diante de dois tipos de pulsões tão discrepantes; isso é feito, justamente, por meio do conceito-chave de dessexualização¹¹. Em face disso, esta promoveria uma verdadeira neutralização da energia psíquica, e, desse modo, deparamo-nos com a primeira acepção do termo nesse escrito freudiano.

Contudo, em outros momentos, a dessexualização parece pender, de saída, para o grupo das pulsões de vida, retomando aquele sentido mais brando de uma energia sexual desviada de uma satisfação direta, que já conhecemos. É o caso do momento em que Freud atribui uma

¹¹ É pertinente observar que esse comentário se insere na tese mais geral do autor: ele defende que a diferença entre as pulsões de autoconservação e sexuais se situava no nível mais brando de uma “dualidade”, ao passo que aquela entre Eros e pulsões de morte de situa no nível de um “dualismo”, no sentido de uma divisão fixa, de um “essencialismo”. No caso da primeira configuração pulsional, Scarfone (1997) considera a possibilidade de uma “derivação” das pulsões sexuais a partir da autoconservação. Discordo do autor a esse respeito, afinal não considero que a autoconservação seja mais originária que a sexualidade; ambas são igualmente primordiais. De todo modo, ele parece ter razão a respeito da dicotomia radical que se estabelece no segundo dualismo e da necessidade de supor a energia deslocável para contemplar esse problema. Em nota, já indicamos que Freud admite uma diferença de qualidade entre Eros e pulsão de morte, embora não fosse admitida entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, o que exige explicações sobre como os representantes daquelas podem se transformar um no outro (caso do amor e do ódio).

afinidade natural com Eros à energia deslocável e a situa como uma espécie de fonte para a constituição do Eu:

Se esta energia de deslocamento é libido dessexualizada, pode também ser chamada *sublimada*, pois ainda reteria o propósito principal de Eros, o de unir e ligar, na medida em que serve à produção daquela unidade pela qual – ou pela aspiração em direção à qual – o Eu se distingue (FREUD, 1992b, p. 46, grifos do autor).

Nesse aspecto, a energia dessexualizada persegue a meta da ligação. No entanto, há ainda um terceiro alcance do termo. Freud amplia o papel da identificação em *O Eu e o Isso*, a ponto de responsabilizá-la pela formação do caráter do Eu. Seus leitores sabem que, com a introdução da segunda tópica psíquica no livro citado, essa instância passa a desempenhar o papel de conciliação; cabe-lhe a tarefa de unificar as exigências pulsionais do Isso, as demandas do Supereu e as imposições da realidade. Considerando os perigos que podem resultar da satisfação dos investimentos eróticos enviados pelo Isso, o Eu se vê diante das seguintes possibilidades: pode consentir com esses investimentos, defender-se deles por meio do recalque ou recorrer à identificação, mecanismo fundamental por meio do qual é possível exercer alguma influência sobre o Isso. Não só quando o Eu é frágil e ainda está em formação, mas também durante toda a vida, a identificação corresponde a um dos caminhos por ele privilegiados. Porém, quando o objeto amado é erigido no interior do Eu, os investimentos libidinais de objeto se transformam em libido narcisista, de modo que Freud (1992b, p. 32, grifos nossos) sugere uma espécie de saldo dos processos identificatórios: “A transformação assim cumprida de libido de objeto em libido narcisista traz com ela, manifestamente, uma desistência das metas sexuais, uma *dessexualização*, portanto um tipo de sublimação.”

Até aqui, não há novidades. Contudo, no mesmo parágrafo, Freud levanta dois questionamentos: “se este não é o caminho geral até a sublimação, se toda sublimação não acontece pela mediação do Eu, que primeiramente transforma a libido de objeto em libido narcisista, para depois, talvez, colocar-lhe outra meta”; se essa transformação não resulta, ainda, em “uma desfusão (*Entmischung*) das diferentes pulsões fundidas uma com a outra”¹². Convém salientar que as hipóteses são confirmadas adiante no texto. Por um lado, o Eu tem de consentir com parte dos investimentos de objeto do Isso; por outro, na medida em que “se apodera” de

¹² Quanto à tradução de *Entmischung* e, por conseguinte, *Mischung*, em espanhol encontramos *desmezcla* e *mezcla*, respectivamente, que optei por verter para “desfusão” e “fusão”, acompanhando a escolha feita por Maria Rita Salzano Moraes, responsável pela tradução da Autêntica. Embora a editora não tenha lançado o texto *O Eu e o Isso*, esses termos aparecem em *A Negação* (FREUD, 2021a, p. 309). Paulo César de Souza, por sua vez, opta por “disjunção”, oposto à “mistura” ou “junção” (FREUD, 2011, p. 51).

parte da libido dos investimentos de objeto que partem do Isso e se impõe a ele como o único objeto de amor, “dessexualiza ou sublima a libido do Isso, trabalha contra os propósitos de Eros, se põe a serviço das moções pulsionais inimigas” (FREUD, 1992b, p. 46). Ao desfazer o vínculo com os objetos, seja para edificá-los no seu interior, seja para redirecionar a libido para novas metas e novos objetos, é inevitável que o Eu aja na contramão da ligação; portanto, a favor das pulsões de morte e do desligamento.

Essa dimensão da dessexualização me interessa especialmente, visto que reconduz àquela “mutação tão completa” do destino do sexual, causada pela introdução do termo propriamente dito à série de termos aos quais se associa – narcisismo, identificação e sublimação –, da qual falava Scarfone (1997, p. 130). A mudança decisiva consiste na relação que os últimos passam a estabelecer com o polo mais antagônico à sexualidade, a saber, o da pulsão de morte. Como vimos, dessexualizar ultrapassa as ações de desviar o sexual de suas metas diretas ou neutralizar a libido, para que a energia psíquica se destine a qualquer um dos grupos de pulsões. Os processos psíquicos que implicam dessexualização levam, inevitavelmente, ao fortalecimento da pulsão de morte.

Se pensarmos na extensão e na importância da identificação para a constituição do indivíduo, parece ainda mais relevante tratar da dessexualização e de suas consequências. Identificação é a forma mais originária de ligação com a alteridade, anterior à escolha de objeto, e se trata de uma das saídas mais comuns diante da perda do objeto ou da necessidade de abrir mão do investimento nele, já que possibilita a sua edificação no interior do Eu. No limite, é capaz de atravessar as relações de objeto como um todo, visto que nem sempre a identificação depende do abandono do objeto – é perfeitamente possível conceber a coexistência de investimento de objeto e identificação com ele (FREUD, 1992b) –. Recordemos que o principal mecanismo responsável por criar o caráter do Eu consiste na identificação. O espaço que a transformação de libido de objeto em libido do Eu ocupa na vida psíquica não é, portanto, irrisório. Consequentemente, a defusão pulsional decorrente desse processo não parece ser um evento pontual. Ao contrário, o reforço das pulsões de morte pela dessexualização empreendida pelo Eu consiste em um fenômeno que perpassa toda a existência do indivíduo.

Além disso, não posso deixar de mencionar determinada consequência do serviço que o Eu presta às pulsões de morte por meio da dessexualização. Freud chega até ela pela análise do sentimento de culpa em tipos clínicos como a neurose obsessiva, a histeria e a melancolia. Em sua maioria inconsciente, esse sentimento tem seu fundamento na tensão estabelecida entre o Eu e o Supereu. Freud ressalta as relações que o último estabelece com o Isso, devido a sua origem no complexo de Édipo, o que explicaria o caráter inconsciente da culpa, mas se

pergunta como a instância crítica pode ser tão rígida com o Eu. No caso paradigmático do melancólico, chama a atenção como o Supereu do doente é sádico; parece ser governado pela “pura cultura da pulsão de morte” (FREUD, 1992b, p. 54), a ponto de conduzir ao suicídio. Apesar do fato da pulsão de morte se exteriorizar em agressão contra o objeto já ser conhecido por Freud, como explicar que, dentro do indivíduo, o Supereu adquira tal potência de destruir o Eu, de martirizá-lo com tamanha crueldade? O autor apresenta a seguinte resposta:

O Supereu se originou, sem dúvidas, por uma identificação com o arquétipo paterno. Qualquer identificação deste tipo tem o caráter de uma dessexualização, ou mesmo de uma sublimação. E bem; parece que, por causa de tal conversão se efetua também uma des fusão de pulsões. Após a sublimação, o componente erótico já não tem mais a força para ligar toda a destruição adicionada a ele, e esta é liberada como inclinação a agressão e destruição. Desta des fusão, justamente, o ideal extrairia o traço duro e cruel do imperioso dever-ser (FREUD, 1992b, p. 55).

A crueldade se explica pelo mecanismo de origem do Supereu, que é a identificação com os pais, diante da impossibilidade de persistir com os investimentos objetivos incestuosos emitidos pelo Isso. A identificação implica dessexualização ou sublimação, no sentido da desistência de metas sexuais, e, por conseguinte, des fusão pulsional. A partir do enfraquecimento do componente erótico, libera-se a pulsão de morte, e a agressão resultante desta marca o funcionamento da instância crítica oriunda desse processo. Para Freud (1992b, p. 57): “Se o Eu sofre ou mesmo sucumbe sob a agressão do Supereu, seu destino é uma contraparte ao dos protistas, que perecem pelos produtos de decomposição que eles mesmos criaram”. Isso significa que a pulsão de morte liberada nos processos de dessexualização se dirige ao Supereu, que subjuga o Eu. Entretanto, seria este o seu único destino?

Rosenberg (2003, p. 168) nos mostra, com base no texto freudiano *O Problema Econômico do Masoquismo*, que há três “sistemas de defesa (e de ligação)” que o Eu adota para lidar com a destrutividade da pulsão de morte, um dos quais consiste na atividade da libido de tornar a pulsão de morte inofensiva por meio de seu desvio para o exterior, contra os objetos, na condição de pulsão de destruição. No entanto, considerando que há uma parte que não é dirigida para fora e permanece no interior do indivíduo, a outra possibilidade de defesa consiste em ligar essa parte de pulsão de morte libidinalmente, o que configura o masoquismo originário. O autor chamará esse masoquismo de “guardião da vida” e da “vida psíquica”, por ser a primeira “intrincação” ou fusão pulsional, que permite a ligação da excitação, tornando-a suportável e permitindo ao Eu se constituir – daí a referência feita a um “núcleo masoquista do eu” (ROSENBERG, 2003, p. 108). O terceiro sistema de defesa, por sua vez, decorre do fato



de que a agressão dirigida para fora pode encontrar obstáculos à sua satisfação nos objetos, ocasiões nas quais a pulsão de morte “é introjetada, interiorizada, mas, na verdade, é enviada de volta para o lugar de onde veio, portanto, é voltada contra o próprio Eu” (FREUD, 2020a, p. 377). Rosenberg (2003, p. 168) afirma que essa parcela de destrutividade pode investir no Supereu, em “um novo modo de ligação da pulsão de morte diferente dos dois primeiros, ao mesmo tempo em que se assemelha a eles.” Assim, o Eu se protege de um aumento intenso de seu masoquismo, o que faria deste um “masoquismo mortífero”, conforme o vocabulário do autor, por destinar a pulsão de morte a essa “interioridade-exterioridade” que é o Supereu, enquanto instância psíquica diferenciada do Eu.

Desse modo, a agressão que volta de fora para o interior do indivíduo, seja pelas restrições da cultura, que impedem a sua satisfação nos objetos; seja como saldo da identificação e da respectiva dessexualização, como vimos acima, pode ter como efeito tanto o reforço do masoquismo originário, quanto do sadismo do Supereu. Interessa-me considerar ainda que parte da agressão que se mantém dentro do indivíduo permaneceria livre no Eu. Em relação a esse ponto, coloco-me em desacordo com Rosenberg (2003, p. 68), para quem só é viável falar de uma “desintração” ou desusão pulsional relativa, e não de um “desligamento absoluto”, em que a pulsão de morte se manifestaria de maneira “pura”, apesar de ele reconhecer as diferentes posições de Freud a esse respeito. A meu ver, é possível supor que a pulsão de morte exerça uma atividade independente no Eu, para além do que se liga à libido no masoquismo e do que se destina ao Supereu, como demonstra, por exemplo, a seguinte afirmação de Freud:

Quanto à teoria, na verdade estamos em dúvida se devemos supor que toda a agressão que volta do mundo exterior é ligada pelo Supereu e voltada contra o Eu, ou que uma parte dela exerce sua atividade muda e inquietante como pulsão de destruição livre no Eu e no Isso. Mais provável é uma distribuição desse último tipo, mas não sabemos nada mais sobre isso. (FREUD, 1991a, p. 101)¹³

Se isso é possível, o radicalismo das consequências da dessexualização se mostra ainda mais nítido, visto que ela pode liberar a pulsão de morte, em sua atividade muda e inquietante,

¹³ Poderia citar ainda um trecho d’*A Análise Finita e a Infinita* que possibilita reconhecer essa parcela de pulsão de morte livre no Eu, localizado na discussão sobre as variadas fontes da resistência à cura no tratamento. Uma delas é atribuída ao comportamento de desusão das pulsões de vida e de morte. Parte dessa força que se opõe à cura é reconhecida na relação entre o Eu e o Supereu, como consciência de culpa e necessidade de castigo: “Mas essa é apenas aquela parte, digamos, psiquicamente ligada ao Super-Eu e como tal se manifesta; outros valores dessa mesma força devem estar agindo em local indeterminado, de forma ligada ou livre” (FREUD, 2021c, pp. 348-49, *grifos nossos*).

tal como descreve Freud, no seio do Eu. Isto oferece consistência à constatação de Green (1988, p. 289) feita sobre o Eu – além de ter de manejar as exigências colocadas pelo Isso, pelo Supereu e pela realidade, há um agravante com o qual tem de lidar: o Eu tem de levar em conta o “veneno que o mina por dentro: a pulsão de morte”, cuja orientação é, simultaneamente, “centrífuga” e “centrípeta”.

Portanto, o Eu parece sofrer os efeitos das pulsões de vida e das pulsões de morte, mas atuar como porta-voz de ambas. O Eu se coloca como um aliado de Eros por consistir, ele próprio, em uma unidade, que tenta produzir ligações e conservá-las; por se esforçar por reunir as demandas díspares que chegam até ele; por se empenhar em exercer alguma influência sobre o Isso, ser amado por ele, inundando-se de libido pela identificação. No entanto, a transformação de investimentos dirigidos ao outro em investimentos narcísicos implica dessexualização, cujo processo revela a posição ambígua do Eu em relação às pulsões de vida e de morte. Ele também serve à atividade de desligamento das pulsões inimigas de Eros e sofre as consequências de suas próprias manobras. Esta instância psíquica que busca as ligações, mas fomenta o desligamento; que luta pela vida, mas age em prol da morte, é, em última instância, um abrigo de contradições, cujos contornos se tornam cada vez mais fortes com a noção de dessexualização aqui exposta. Vejamos, na sequência, como essa imagem do Eu pode ser contrastada com o lugar que Freud concede-lhe no tratamento psicanalítico.

4 O FORTALECIMENTO DO EU NO TRATAMENTO PSICANALÍTICO

Em primeiro lugar, de acordo com Iannini e Tavares (2021), é preciso ter em vista que Freud nunca fez uma exposição sistemática da técnica psicanalítica. Há o conjunto de textos conhecidos como técnicos, mas as indicações a respeito do que se passa no tratamento psicanalítico estão presentes do início ao fim de sua obra, de modo mais ou menos esparso. Com efeito, “Freud evitou a todo custo hipostasiar regras e procedimentos numa espécie de manual de protocolos ou de prescrições codificadas para o analista”, com a exceção da chamada “regra fundamental” da associação livre e sua contrapartida por parte do analista, a “atenção equiflutuante” (IANNINI; TAVARES, 2021, p. 9). Estes seriam indícios de que a técnica analítica comporta alguma flexibilidade. Em contrapartida, seu leitor deve poder extrair uma série de diretrizes fundamentais da prática analítica. Afinal, se o fundador da psicanálise sempre defendeu sua disciplina enquanto ciência natural, certamente operou com a pretensão de universalidade do discurso psicanalítico. A singularidade de cada caso não



impede que seja extraída certa orientação geral, certa fundamentação da clínica válida, em alguma medida, para todos os casos. É com base nessa aposta que tratarei do lugar destinado ao Eu na técnica.

O problema do Eu participa das discussões acerca do surgimento da neurose e, por conseguinte, da forma de tratá-la por meio da psicanálise, desde os textos de Freud anteriores à “virada” de 1920¹⁴. Não é difícil encontrar, em uma série de trabalhos seus, a constatação de que a neurose resulta de um recalque (*Verdrängung*)¹⁵ malsucedido, realizado pelo Eu, mais precisamente no tempo em que este ainda era *fraco*, na infância do indivíduo. O autor defende que os recalques ocorridos na infância são soluções inadequadas por parte do Eu, diante da exigência das pulsões por satisfação. O recalque reside numa posição intermediária entre a fuga – ação mais apropriada diante de perigos oferecidos pelo mundo externo, mas inviável quando se trata do perigo pulsional – e a “rejeição pelo julgamento” (*Urteilsverwerfung*) ou “condenação” (*Verurteilung*) (FREUD, 2016a, p. 77)¹⁶. Já em 1910, nas *Cinco Conferências sobre Psicanálise*, lemos que o tratamento psicanalítico consiste em descobrir as ideias recalçadas que estão por trás do sintoma, para que o conflito psíquico no qual elas estão envolvidas tenha outro destino, diferente do recalque. Para Freud (2013a, p. 49), “em boa parte só temos que eliminar consequências de estágios mais iniciais de desenvolvimento do Eu.” A ideia é que o Eu imaturo reagiu ao conflito com as pulsões de um modo que não obteve êxito, mas depois que se desenvolveu, alcançou a maturidade, deve ser capaz de encontrar outras saídas. Ele pode substituir o recalque pela operação de condenação citada, considerada mais eficaz, caso ainda considere pertinente rejeitar o impulso, assim como pode consentir com a satisfação de parte dessas pulsões ou recorrer a sublimações.

Nas *Conferências de Introdução à Psicanálise*, também já é marcante não só a relação que se estabelece entre a fraqueza do Eu infantil e o adocimento psíquico, bem como a concepção de que o desfecho da análise depende do Eu maduro transformar o conflito patógeno em um conflito normal:

¹⁴ Essa discussão sobre a técnica se limitará ao campo das neuroses, deixando de lado as psicoses e as perversões.

¹⁵ Embora na edição em espanhol a tradução de *Verdrängung* seja *repressión*, optei sempre por recalque, fazendo a substituição dos termos nas citações, quando necessário.

¹⁶ Vale a pena adicionar algumas observações sobre a diferença entre condenação e recalque. Condenar um impulso significa rejeitar que ele se transforme em ação, por meio da retirada de energia desse mesmo impulso. Com isso, ele se torna impotente, o que não impede que ele permaneça acessível à recordação, pois esse processo de “decisão” (*Entscheidung*) ocorre com o conhecimento do Eu. Já no recalque, a energia do impulso é conservada, ao passo que ele se torna inacessível à memória, pelo fato de consistir num processo defensivo que ocorre sem que o Eu se dê conta disso (FREUD, 1991b, p. 269). Quer dizer que a defesa já era considerada inconsciente pelo psicanalista bem antes da região inconsciente do Eu ser devidamente reconhecida; isto acontece só em 1920, em *Além do princípio de prazer* (FREUD, 2020b, p. 89).

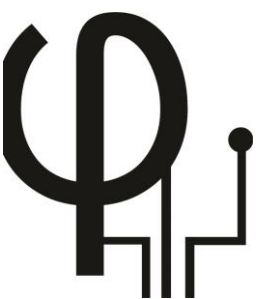
Naquela época o Eu era fraco, infantil, e talvez tivesse fundamento para ver na exigência libidinal um perigo. Hoje é forte e experiente, e além disso tem no médico um auxiliar. Assim, podemos esperar que o conflito reavivado possa se guiar para um desenlace mais favorável que o do recalque (FREUD, 1991b, p. 398).

Portanto, no tratamento deve ocorrer uma “revisão do processo de recalque” (*Revision des Verdrängungsprozesses*). Como discorre o tradutor da edição argentina em nota, essa expressão pode ser vista como uma “metáfora que sugere um procedimento judicial” (FREUD, 1991b, p. 413). Parece estar em jogo aqui a concepção de que o Eu *fortalecido* se torna mais apto a assumir a posição de juiz diante das moções pulsionais, e o tratamento analítico propicia a ele a oportunidade de ter um apoio para decidir por outra sentença, diferente da sentença do recalque, à qual recorreu quando ainda era fraco, sob o império do automatismo do princípio de prazer, apenas para se livrar do desprazer ante um conflito psíquico.

É bom lembrar que o conflito psíquico representa uma condição da vida anímica, na medida em que está posto para todos os indivíduos. Uma pessoa saudável é sempre “virtualmente neurótica” (FREUD, 1991b, p. 416). Como elucidado por Safatle (2004, p. 36), o aparelho psíquico não é uma “instância unitária de representações” que se cinde apenas em situações patológicas, pois o conflito entre as diferentes regiões anímicas é incessante; há sempre aspirações irreduzíveis entre si que requerem negociações constantes. Quando o Eu recorre à defesa pelo recalque, uma parcela de libido inconsciente é apartada dele mesmo e da realidade, processo que acontece, em maior ou menor grau, em todos nós. Nas pessoas “normais”, isso resulta apenas em produções psíquicas como os sonhos, os atos falhos e as formações de sintoma irrisórias, que não comprometem a sua vida prática.

Contudo, há algo que leva o conflito a se tornar patógeno, uma diferença quantitativa e não qualitativa. Na neurose, o Eu terá de exercer um grande esforço para manter o recalque, enquanto o recalque mantém sua força energética, e se limitará excessivamente ao fazê-lo, o que explica porque o neurótico perde sua “capacidade de realizar e de fruir” (FREUD, 2021c, p. 103). Nesse caso, como os dois antagonistas do conflito psíquico, o Eu e as pulsões sexuais, conforme a primeira teoria metapsicológica, encontram-se em “terrenos psicológicos” distintos – pré-consciente/consciente e inconsciente, respectivamente –, a tarefa da terapia consiste em possibilitar que se confrontem no mesmo terreno, para que seja possível chegar a um acordo.

Isso ajuda a entender as várias formas de expressão que Freud (1991b, p. 396) concede aos objetivos do tratamento analítico: “Tornar consciente o inconsciente, cancelamento dos recalques, preenchimento das lacunas amnésicas; tudo quer dizer o mesmo.”



Para o psicanalista, existe um “bônus de liberdade anímica que diferencia a atividade anímica consciente – no sentido sistemático – da inconsciente” (FREUD, 2021c, p. 179). Os processos psíquicos inconscientes são regulados imperiosamente apenas pelo princípio de prazer e só têm olhos para a satisfação, enquanto os processos do pré-consciente e da consciência levam em consideração o princípio de realidade, os riscos de uma satisfação imediata de exigências pulsionais e as vantagens de seu adiamento para uma ocasião mais oportuna, ainda que, para isso, seja preciso perder algo em termos de satisfação. Talvez por isso Freud (2021c, p. 192) também inclua como parte da análise que o paciente seja convencido, pelo analista, “da inexequibilidade de uma vida pautada no princípio de prazer”. O tratamento analítico pode ser visto como uma “pós-educação” (*Nacherziehung*), pois busca promover o avanço do princípio de realidade, mesmo processo que fez parte da primeira educação, aquela que diferencia o adulto da criança (FREUD, 2013b, p. 319).

Há, portanto, desde as primeiras formulações sobre a técnica, a tentativa de tradução do inconsciente para o consciente. Isto se torna possível visto que a psicanálise se funda a partir da modificação do método catártico de Breuer, voltado a tornar conscientes os traumas psíquicos inconscientes que estavam na base dos sintomas, por meio da ab-reação, no estado de hipnose. Passa a trabalhar a partir das associações livres do paciente e tem como um de seus pilares a arte da interpretação, além da descoberta e da superação das resistências, já que são elas que mantêm os recalques em ação. Tudo isso depende de que o analista, perante o material composto pelas ocorrências do paciente, comunique-lhe tanto o sentido oculto de seus sintomas, quanto as resistências em curso. Assim, o Eu do neurótico poderá “se assenhorar” (*Herr werden*) daquela parte da libido que está apartada dele e fixada na formação sintomática (FREUD, 1991b, p. 413).

Antes de localizar o papel do Eu na técnica nos textos mais tardios, gostaria de acrescentar algumas ressalvas. Em hipótese alguma me aproximo aqui da concepção da análise como um processo intelectual, no qual o saber do analista sobre os processos anímicos inconscientes do paciente seria transferido ao último, que deixaria de lado sua ignorância e se curaria a partir desse conhecimento adquirido. Em *Sobre o Início do Tratamento*, de 1913, Freud (2021c, p. 144) é bem claro a esse respeito, afastando-se de uma “postura intelectualista” da técnica. Da mesma forma, leituras intelectualistas de sua obra já foram questionadas por uma série de autores¹⁷. Se há um “não saber” (*Nichtwissen*) sobre o sintoma no neurótico, ele não se

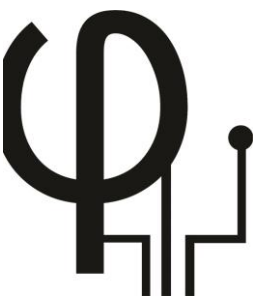
¹⁷ Isso foi feito em relação à leitura de Freud feita por Habermas, por exemplo em Prado Jr. (2005), na direção de denunciar a degradação intelectualista que a psicanálise sofre na leitura habermasiana, na qual a relação

dissolve com a mera comunicação do analista; o desconhecimento persiste, apesar do saber intelectual sobre o recalçado. Assemelha-se à “distribuição de cardápios para os famintos”, por duas razões, como nos diz Freud (2021c, p. 87) já em 1910, em *Sobre Psicanálise “Selvagem”*. A primeira delas refere-se a que o desconforto não cessa com esse ato; a segunda, a que pode aumentar o sofrimento ligado à situação e, no caso da análise, isso pode significar o aumento das resistências que pode advir com as intervenções analíticas precipitadas ou, em outras palavras, “selvagens”.

Além disso, desde o tratamento de Dora, realizado em 1900, Freud já havia se deparado com a transferência, que impôs tantas dificuldades, mas, ao mesmo tempo, passou a ser considerada indispensável para o processo analítico. As moções pulsionais ocultas despertam apenas sob transferência, na medida em que são atualizadas e repetidas na relação com o analista. A psicanálise se diferencia de uma terapia por sugestão porque as comunicações do analista têm como condição prévia que tenha se estabelecido a transferência. As construções que o analista oferece ao paciente, sempre lacunosas, por consistirem em tentativas do primeiro de completar aquilo que o material da associação livre oferece por meio de alusões, também devem ser feitas apenas quando o próprio analisando já tenha sido capaz de chegar bem perto do recalçado. Tendo em vista que não basta recordar e repetir na análise, é preciso que haja a “perlaboração” (*Durcharbeitung*) do que emergiu no tratamento (FREUD, 2021c, p. 161). De fato, encontra-se em jogo a “transformação interior” daquele que procura o tratamento, que atravessa uma mudança no seu Eu, como destacarei adiante (FREUD, 1991b, p. 412; p. 414). A mudança associada à condenação ou à aceitação (*Annahme*) do recalçado, como possíveis consequências do cancelamento dos recalques que a análise se empenha em promover.

Schneider (1993, p. 69), ao comentar sobre o procedimento terapêutico tal como este era concebido ainda no tempo dos *Estudos sobre a Histeria*, indica que o método freudiano nunca propôs “ensinar o que seria supostamente não sabido”, mas apostou na possibilidade de “sabê-lo de outra forma”. A noção de *Annahme*, já presente nesses primeiros textos, é central em sua argumentação e reforça não se tratar de fazer com que o Eu conheça e domine intelectualmente aquilo que desconhecia. A autora mostra como a admissão daquilo que foi recalçado consiste num movimento não só representativo, mas também afetivo; não significa uma tomada de poder, mas antes uma renúncia a esse poder, uma “rendição” (SCHNEIDER, 1993, p. 72), pois o recalque mantinha a ilusão de controle sobre aquilo que era insuportável ao Eu. Quando é possível aceitar o recalçado, o que se realiza, para Schneider (1993, p. 76), é

analítica é concebida como autorreflexiva; e em Silveira (2018), que acompanha o comentário de Prado Jr. e faz acréscimos a ele.



uma modificação interna, que se dá pela admissão no Eu, “o que supõe mais uma reestruturação deste eu que uma extensão do campo de consciência.”

Mas o que significa essa reestruturação do Eu? Voltemos ao fio condutor deste artigo. Pelo que vimos até aqui, ainda no registro da primeira teoria metapsicológica, o Eu já cumpria um papel importante na análise. Se o Eu fraco da infância reagiu de modo automático, por meio do recalque, agora, maduro e fortalecido, com o apoio da análise, pode se apropriar, em alguma medida, daquilo que foi dele separado, de modo que as moções pulsionais sejam incorporadas “na grande unidade que chamamos de seu Eu” (FREUD, 2021c, p. 194). Lemos isso em *Caminhos da Terapia Psicanalítica*, um texto de 1919. Nos textos posteriores a 1920, a mudança do Eu passa, precisamente, pelo seu *fortalecimento*, enfatizado entre os objetivos da análise, que consistem em:

[...] produzir, pelo cancelamento da resistência e a pesquisa dos recalques, a unificação e o fortalecimento mais vastos do Eu do doente, poupando-lhe o gasto psíquico que supõem os conflitos interiores, dando-lhe a melhor formação que admitam suas disposições e capacidades e fazendo-o, em todo o possível, capaz de realizar e de fruir (FREUD, 1992c, p. 246).

O fortalecimento do Eu, por sua vez, parece caminhar lado a lado com a ideia de unificação, o que nos leva a considerar a função de síntese que este cumpre¹⁸. A partir de 1926, Freud (2021c, p. 221) afirma de modo explícito que o Eu, ao contrário do Isso, “é uma organização caracterizada por um anseio muito curioso por unificação, por síntese” dos processos psíquicos; e tem a tarefa de conciliar, mediar e tentar unificar as exigências discrepantes que são impostas pelo Isso, pelo Supereu e pelo mundo externo. Chama a atenção que essa função de síntese do Eu seja associada à dessexualização, em *Inibição, Sintoma e Angústia*: “[...] sua energia dessexualizada revela ainda sua origem em sua aspiração à ligação e à unificação, e esta sua compulsão à síntese aumenta à medida que o Eu se desenvolve mais forte” (FREUD, 1992e, p. 94). Temos já uma primeira pista de que só uma das facetas da dessexualização parece ser levada em conta por Freud nesses momentos, aquela segundo a qual a energia de Eros é desviada de suas metas sexuais diretas, servindo ainda ao propósito da ligação. Por outro lado, como já sabemos, é justamente por funcionar por meio da dessexualização que o Eu favorecerá a atividade de desligamento das pulsões de morte, ponto ao qual voltaremos mais adiante.

¹⁸ Relembro o leitor de que o estudo detalhado da função sintética do Eu foi realizado em outra ocasião (Ver Filla, 2022).

Ressalto ainda que a ideia de que o Eu infantil e imaturo recalca permanece e passa a ser descrita nos termos da teoria estrutural do aparelho psíquico – isso fica evidente em *A Questão da Análise Leiga*. O Eu é fraco, sem poder e ainda pouco diferenciado do Isso no início da vida; ao considerar uma moção pulsional do Isso perigosa, já que sua satisfação provocaria um confronto com o mundo externo, o Eu ainda não tem força para governá-la, razão pela qual trata o perigo interno como se fosse externo, realizando o recalque. Ele recua diante de uma parte do Isso, perde sua influência sobre ela, que passa a agir de forma isolada, independente dele, e a produzir seus derivados, os sintomas neuróticos. O resultado disso é que, embora mais maduro, o Eu não conseguirá desfazer esses recalques: “sua síntese ficará prejudicada, uma parte do Isso permanecerá solo proibido para o Eu” (FREUD, 2021c, p. 229). Reafirma-se que os recalques fundamentais ocorrem na infância e, por conseguinte, o objetivo terapêutico consiste na revisão desse processo, que tem como uma de suas causas principais a fraqueza do Eu:

Queremos restabelecer o Eu, libertá-lo de suas restrições, devolver a ele o domínio sobre o Isso, que ele perdeu como consequência de seus recalques da primeira infância. *Somente para esse fim fazemos a análise, toda a nossa técnica está voltada para esse objetivo.* Temos de buscar os recalcamientos ocorridos e mover o Eu a corrigi-los agora com a nossa ajuda, a resolver os conflitos de um modo melhor do que com uma tentativa de fuga (FREUD, 2021c, p. 231, *grifos nossos*).

As palavras são de Freud – toda a técnica se volta para o restabelecimento e a libertação do Eu; para a devolução do que foi por ele perdido –. Entretanto, ainda no escrito sobre a análise leiga, o autor ressalta que sempre se trata de uma relação de forças e suas proporções quando o assunto for as psicopatologias e o seu tratamento. O ponto-chave, tanto para o surgimento das neuroses, quanto para o processo de revisão dos recalques infantis, reside na “relativa força da organização do Eu” (FREUD, 2021c, p. 279). Relativa em comparação à intensidade pulsional, levando em conta o fator econômico em operação na análise.

Mesmo em um texto como *A Análise Finita e a Infinita*, já de 1937, conhecido por dar ênfase ao fator econômico citado e aos limites da terapia psicanalítica, o Eu não deixa de ser posicionado como um dos pilares fundamentais da técnica. A cura das neuroses não se baseia no desaparecimento da exigência pulsional, que é impossível e indesejável, mas sim no domínio da pulsão (*Triebbeherrschung*), que significa sua “domação” (*Bändigung*), a saber, o acolhimento da pulsão na “harmonia do Eu” (FREUD, 2021c, p. 326). Na maioria das vezes, isso é alcançado apenas parcialmente, de modo imperfeito. A depender daquela



proporção entre a força do Eu e a intensidade pulsional, é possível que o primeiro fracasse mais uma vez no domínio da pulsão, apesar de maduro e da ajuda da análise. Contudo, ainda assim, o autor defende que “o caminho para executar nossa intenção terapêutica *só passa* pelo reforço da capacidade analítica auxiliar que queremos levar ao Eu” (FREUD, 2021c, p. 333, *grifos nossos*).

Em resumo, na concepção do tratamento que prevalece até o final da obra, trata-se de estender o campo de ação do Eu, de possibilitar que este exerça a sua função de síntese. No limite, de apostar em sua capacidade de manter a conciliação entre as diferentes regiões do aparelho psíquico e a realidade, em uma medida suficiente para manter as capacidades de fruir e de realizar que estavam perdidas. Na *Conferência 31*, Freud (1991a, p. 74) reconhece que a psicanálise *escolheu* um “alvo” (*Angriffspunkt*) – literalmente, um ponto de ataque –, que é, justamente, o Eu e seu fortalecimento, para que este “possa se apropriar de novas partes do Isso”¹⁹. Não por acaso, são raras as ocasiões em que nos deparamos com afirmações como esta: “[...] com propósito terapêutico, somos frequentemente forçados a combater o Supereu, e nos esforçamos para reduzir suas exigências” (FREUD, 2020a, p. 401). Freud poderia ter acentuado outras perspectivas da análise, como a busca pelo rebaixamento das exigências absurdas que o Supereu faz ao Eu, como se fosse possível ao último dominar completamente o Isso, mas não o fez, na medida em que se concentrou em tornar o Eu mais robusto.

Eu poderia citar mais uma série de trabalhos em que se encontra considerações semelhantes às destacadas²⁰, mas acredito que o leitor já dispõe de material suficiente para observar o contraste, a ser apresentado na sequência, entre a imagem que formamos do Eu na abordagem da dessexualização e o lugar que Freud lhe concede na clínica psicanalítica.

5 O CONTRASTE ENTRE O EU SOB A PERSPECTIVA DA DESSEXUALIZAÇÃO E O EU NO TRATAMENTO

De acordo com o que vimos, a dessexualização compreende um destino das pulsões sexuais que, embora desviado de sua meta originária, preserva os propósitos de ligação de Eros,

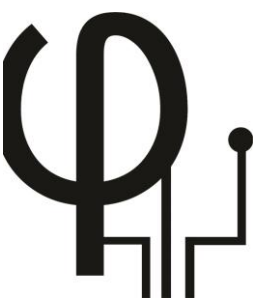
¹⁹ É nesta passagem que se encontra o aforismo freudiano que se tornou famoso pelas querelas nas quais está envolvido: *Wo Es war, soll Ich werden*. A tradução dessas orações tem consequências teóricas e técnicas importantes e não é nada simples, como adverte Tavares (2008). A despeito disso, não considero que ele seja indispensável para pautar os argumentos sobre o fortalecimento do Eu como um dos principais objetivos da clínica, já que isso é explicitamente afirmado em outros fragmentos de texto freudianos, nos quais me apoiei neste artigo.

²⁰ O sexto capítulo do *Compêndio de Psicanálise* é um deles (FREUD, 2016b).

ou uma neutralização da libido, que se torna capaz de favorecer qualquer um dos grupos pulsionais. No entanto, a sua faceta mais radical se revela nos processos de identificação, de mudança de libido de objeto em libido narcisista. Dessexualizar implica desfazer os vínculos eróticos com os objetos, resultando em desfusão pulsional e, conseqüentemente, em liberação da pulsão de morte, cujo objetivo é o desligamento. O Eu, por sua vez, opera com a dessexualização frequentemente, visto que recorre à identificação na tentativa de compensar o Isso diante de renúncias pulsionais. Essa forma de compensação se desdobra em um serviço prestado às pulsões de morte, apesar da afinidade estabelecida do Eu com Eros, em sua aspiração pela síntese, na direção de conciliar os conflitos psíquicos, para que seja possível manter certo equilíbrio entre as forças em batalha na vida anímica.

Até que ponto as múltiplas facetas da dessexualização e suas conseqüências para o funcionamento do Eu são levadas em conta por Freud, quando oferece tais diretrizes gerais para o tratamento psicanalítico? Um dos objetivos fundamentais deste se propõe a fortalecer o Eu do paciente, a fim de que ele corrija os recalques infantis e se apodere daquilo que se lhe mantém inacessível na vida anímica. Assim, terá condições de desempenhar a sua função sintética; poderá obter maior influência sobre os processos psíquicos do Isso, além de lidar com as demandas do Supereu e do mundo externo. Conforme Fulgencio (2018, p. 345, p. 357), trata-se de buscar uma “autonomia” maior para o Eu, por meio de seu fortalecimento; “uma estabilidade do eu nas relações interpessoais”. Ao apostar nessa possível consistência do Eu, Freud não acabaria por esmaecer a condição contraditória dessa instância na vida anímica, em relação aos dois grupos de pulsões? Se o Eu persegue, ao mesmo tempo, as metas de Eros e das pulsões de morte, fomenta atividades de ligação, mas também de desligamento, ao dessexualizar a libido nas inúmeras ocasiões em que se identifica com os objetos, como apostar que seu fortalecimento conduzirá à relativa conciliação do conflito e ao esperado domínio sobre as pulsões?

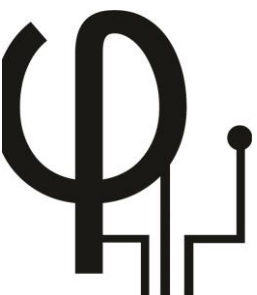
Além disso, parece que fortalecer o Eu consiste em libertá-lo de suas restrições, torná-lo mais extenso e mais capaz de decidir, diante da imensidão do Isso e da força do Supereu, quando é mais adequado se empenhar em satisfazer as pulsões; e quando é recomendável dominá-las, para obedecer à realidade – “o que há de básico na sabedoria da vida”, como menciona Freud (2021c, p. 226) –. Infiro que isso pode significar, em parte, fortalecer suas identificações, afinal esse é um meio privilegiado de exercer influência sobre o Isso, nas inúmeras vezes em que é preciso renunciar ao objeto e à satisfação. Será que seria prudente fortalecer as identificações no percurso de um tratamento? Isso não poderia levar ao enfraquecimento dos vínculos com os objetos de amor no mundo externo, o que, como já



sabemos, tem como efeito a dessexualização e a defusão pulsional? Isso sem contar as considerações de Freud (2021c, p. 226) sobre a relação de continuidade entre o Eu e o Isso na pessoa saudável, na qual “praticamente não se consegue diferenciá-los”. Fortalecer o Eu no tratamento não significaria aumentar essa diferenciação, na medida em que se busca a apropriação de conteúdos do Isso pelo Eu, a ampliação do primeiro em detrimento ao segundo? Como propor que o percurso de uma análise se dirija a uma separação maior entre o Eu e o Isso, com o intuito de aumentar o campo de ação do primeiro, se, na pessoa saudável, o que justifica o bom funcionamento da vida anímica é o fato deles não se oporem com tanta nitidez?

Pretendo dizer, a partir desses questionamentos, que a relação dupla do Eu com as pulsões, explorada aqui por meio da noção de dessexualização, parece não ser levada às últimas consequências pelo próprio autor quando tal aposta no Eu no tratamento é ressaltada. Na medida em que ganha espaço o seu papel de ligação, só pode haver o abrandamento da condição dúbia que ele ocupa na vida anímica. Isso se mantém mesmo se consideramos as diversas advertências feitas por Freud acerca dos limites do governo sobre as pulsões. Está fora de questão, para o fundador da psicanálise, que haja o domínio completo do Eu sobre o Isso. O Eu não passa de uma modificação do Isso, surgida a partir da influência do mundo externo. “Queremos [...] que o eu, tornando-se ousado devido à segurança de nossa ajuda, se atreva ao ataque para recuperar o que foi perdido”, elucida Freud (2016b, p. 115) sobre o trabalho analítico. No entanto, o autor insiste que há algo para sempre perdido. Não há como esgotar o campo inesgotável do Isso. Desde os textos metapsicológicos, como analisa Silveira (2018, p. 64): “Freud defende a tese de que é às custas de um recalque originário que o próprio aparelho psíquico se estrutura. Se é assim, não se pode ter a expectativa de desfazer tal recalque porque desfazê-lo seria desfazer o próprio aparelho.”

Além disso, Freud sabe dos limites do próprio fortalecimento do Eu. Ao longo do desenvolvimento, da infância à vida adulta, as situações que causavam angústia são abandonadas, pois perdem o seu valor diante do amadurecimento do Eu, mas isso ocorre de modo bastante incompleto (FREUD, 1991a). O Eu é sempre relativamente imaturo; logo, relativamente fraco. Da mesma forma, desde o já citado *A Análise Finita e a Infinita*, Freud (2021c) confere relevância à medida de alteração do Eu, ao quanto ele já se encontra limitado, seja por disposições inatas, seja por processos defensivos aos quais recorre, desde muito cedo, para se afastar do perigo. O autor considera que os mecanismos de defesa se tornam, eles mesmos, perigosos e patógenos, na medida em que podem constranger o Eu e enfraquecê-lo. O Eu pode se fixar neles, assimilá-los em seu caráter, mesmo que não esteja diante de ameaças.



Neste sentido, se a situação analítica consiste num “acordo” entre o analista e o Eu enfraquecido do doente, que é considerado um aliado na luta contra as exigências pulsionais do Isso e as injunções do Supereu, este Eu precisa “ter conservado uma certa medida de coesão”, uma consideração pela realidade, para que o pacto funcione (FREUD, 2016b, p. 105). Por um lado, o acordo não é viável no caso dos psicóticos, que não tem um “Eu normal” e já abriram mão da relação com o mundo externo. Por outro lado, Freud (2021c, p. 237) admite que todo Eu se aproxima em maior ou menor grau do Eu psicótico, afasta-se mais ou menos da realidade, por se encontrar alterado pelos seus processos defensivos. A normalidade, continua o autor, é uma “ficção ideal”. Bocca (2009) parece ter razão quanto ao fato de que, ao longo da teorização freudiana, o Eu passou de colaborador do analista a “perigoso aliado” deste, precisamente porque Freud percebeu que as alterações do Eu pela defesa representam obstáculos à eficácia terapêutica. De todo modo, destaco que ele continua sendo o aliado mais importante. Portanto, essas nuances colocadas pelo próprio fundador da psicanálise não o impedem de continuar apostando no Eu no tratamento.

O fato de Freud levar esses limites em conta, na verdade, chama ainda mais a atenção para o confronto entre as posições exploradas sobre o Eu, que procurei ressaltar. A um só tempo, o autor nos fornece subsídios para que o Eu seja visto como uma instância extremamente complexa e ambígua, mas considera fundamental fortalecê-lo no tratamento psicanalítico. Freud ainda opta por apostar que o fortalecimento do Eu assegure, pelo menos em algum grau, certa unidade psíquica, certo acordo entre ele, o Isso, o Supereu e o mundo externo, quando, na verdade, ensina-nos que o tempo todo o próprio Eu age a favor da ligação e da unificação, mas também em prol da desfusão pulsional e do desligamento, que rompe tal unidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora que alcançamos os pontos de chegada deste artigo, a tarefa final consiste em associá-los aos pontos de partida. Quando o Eu é considerado sob a perspectiva da noção de dessexualização e de suas consequências mais radicais, em outras palavras, sob o viés do apoio prestado tanto às pulsões de vida e seus processos de ligação, quanto à pulsão de morte e sua atividade de disjunção, é possível observar a “visão copernicana de Freud”, segundo a expressão de Laplanche (2016, p. 4), mencionada no início. A ambiguidade do Eu e, conseqüentemente, o descentramento do sujeito na psicanálise são ressaltados, visto que a ideia de que o Eu não é senhor em sua própria casa ganha contornos ainda mais fortes. O



Eu desconhece parte da vida anímica pois não tem acesso à grande parcela do que ocorre no Isso, donde ele surge; no entanto, mesmo quando tenta dominar as pulsões, recai no desconhecimento, é vítima de suas próprias manobras, liberando os impulsos de morte no seu interior, seja de maneira livre ou ligada, como acontece no masoquismo ou no sadismo do Supereu. Em contrapartida, quando o Eu é posicionado como um dos alvos principais do tratamento psicanalítico, segundo a concepção de que seu fortalecimento leva a uma domaçaõ das pulsões e à conciliação entre estas, as demandas do Supereu e do mundo externo, é possível notar o movimento de “recaída ptolomaica” de Freud, ainda de acordo com os termos de Laplanche (2016, p. 4). Entra em cena o recentramento do sujeito, por meio da tentativa de apropriação das regiões do Isso por parte do Eu. Há uma insistência de Freud em obter algum domínio sobre isso que não cessa de escapar, que é realçada por esse problema do Eu.

Recuperar tal tensão, interna ao próprio discurso freudiano, permite não apenas posicioná-lo em relação a essa questão do sujeito, como também em relação aos diferentes ângulos a partir dos quais o Eu foi contemplado na teoria e na técnica psicanalíticas posteriores a Freud, algo que também procurei trazer à tona na introdução deste itinerário. Neste viés, destaco a separação que parece existir entre o Eu em Freud e certos rumos que ele tomou na psicanálise. Se há uma aposta no fortalecimento do Eu no tratamento psicanalítico, como forma de conceder autonomia a ele e conquistar certa estabilidade psíquica, isso não significa que Freud esteja próximo de correntes como a da *Psicologia do ego*. Há uma distância considerável entre a posição freudiana e a ideia de uma “esfera do ego livre de conflitos”, como afirma Heinz Hartmann (1968, p. 10). Para o último, embora o ego esteja envolvido nos conflitos com as demais instâncias psíquicas e a realidade, há funções do ego que se desenvolvem fora do conflito, ainda que não sejam imunes a este, e são importantes para a adaptação ao meio, como “percepção, intenção, compreensão objetiva, pensamento, linguagem, fenômenos de recordação, produtividade”, entre outras (HARTMANN, 1968, p. 9). Nada mais estranho ao que diz Freud, de acordo com o que vimos. O Eu está imerso no conflito, é habitado por ele em suas funções mais básicas, como é o caso da memória, dependente por completo das forças pulsionais em jogo; e em suas funções mais complexas, como a identificação²¹.

²¹ Refiro-me a Hartmann em virtude de sua participação fundamental na primeira geração da psicologia do ego, mas tendo em vista que se trata de um recorte temporal e teórico específico dessa corrente. No *Diccionario Enciclopédico Interregional de Psicoanálisis de la API (Asociación Psicoanalítica Internacional)*, mais precisamente no verbete *Psicología del yo* (p. 463-561), é possível acompanhar o desenvolvimento dessa orientação ao longo da história e suas particularidades em uma série de autores, por exemplo, Ernst Kris, David Rapaport, Rudolph Loewenstein e outros.

Monzani (1989b, p. 299) nos esclarece que Freud nos deixou “uma tendência de pensamento, uma orientação, e não uma solução.” Evidentemente, é preciso se distanciar dele para que seja possível fazer teoria psicanalítica. No entanto, ainda com o filósofo: “O ideal seria que esse distanciamento não deixasse sua orientação de lado” (MONZANI, 1989b, p. 299). A investigação sobre o Eu aqui realizada teve, precisamente, a intenção de sublinhar a ambiguidade dessa instância para Freud, entre a teoria e a técnica. Se Ambra (2018) tem razão quanto ao fato de que “levar Freud a sério é também poder usá-lo contra ele mesmo”, foi nesta direção que procurei seguir. Tentei realçar, por meio da noção de dessexualização e suas consequências, que o Eu nem sempre almeja reunir os processos psíquicos e mantê-los coesos. Ele sofre a ação das pulsões e, ao mesmo tempo, advoga por elas, pela ligação e pelo desligamento, pela vida e pela morte. Ao contrapor essa condição do Eu com a ideia de que um dos principais pontos de apoio da clínica é seu fortalecimento, pretendi mostrar um contraste interno ao próprio pensamento de Freud. Convém sublinhar que esse contraste deve ser levado em conta em toda a sua complexidade quando o assunto for o Eu, para que a orientação freudiana não seja deixada de lado.



REFERÊNCIAS

- AMBRA, Pedro. Resenha de A psicanálise sem Édipo: uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan – Philippe Van Haute & Tomas Geyskens. *Lavra Palavra*, São Paulo, 13 jun. 2018. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2018/06/13/a-psicanalise-sem-edipo-uma-antropologia-clinica-da-histeria-em-freud-e-lacan-philippe-van-haute-tomas-geyskens/#_ftn1>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- BIRMAN, Joel. *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. 6.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BOCCA, Francisco Verardi. Cuidado com a cura! In: PEREZ, Daniel Omar (org.). *A eficácia da cura em psicanálise*. Freud – Winnicott – Lacan. Curitiba: Editora CRV, 2009, pp. 23-44.
- CAMPOS, Érico Bruno Viana; LOFFREDO, Ana Maria. A metapsicologia freudiana da sublimação. *Psicologia em estudo*, Maringá, v. 24, p. 1-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v23i0.40557>.
- FILLA, M. G. A função sintética do Eu e seus impasses na teoria freudiana. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 255-287, ago. 2022. Disponível em: <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/558>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- FREUD, Sigmund. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis (1933). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 22. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991a.
- FREUD, Sigmund. Conferencias de introducción al psicoanálisis (Parte III) (1916-1917). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 16. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991b.
- FREUD, Sigmund. Una dificultad del psicoanálisis (1917). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 17. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992a.
- FREUD, Sigmund. El yo y el ello (1923). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 19. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992b.
- FREUD, Sigmund. Dos artículos de enciclopedia: “Psicoanálisis” y “Teoría da libido” (1923). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992c.
- FREUD, Sigmund. Tres ensayos sobre teoría sexual (1905). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992d.
- FREUD, Sigmund. Inibición, sintoma y angustia (1926). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 20. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992e.
- FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. Cinco conferencias sobre psicoanálisis (1910). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 11. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2013a.
- FREUD, Sigmund. Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico (1916). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2013b.
- FREUD, Sigmund. La represión (1915). In: FREUD, Sigmund. *Metapsicologia*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2016a.
- FREUD, Sigmund. *Compêndio da psicanálise*. Porto Alegre: L&PM, 2016b.
- FREUD, Sigmund. *Manuscrito inédito de 1931*. Edição bilíngue. São Paulo: Blucher, 2017.
- FREUD, Sigmund. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. In: FREUD, Sigmund. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. In: FREUD, Sigmund. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.
- FREUD, Sigmund. Neurose, psicose, perversão. In: FREUD, Sigmund. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a.

- FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos. In: FREUD, Sigmund. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b.
- FREUD, Sigmund. Fundamentos da clínica psicanalítica. 2. ed. In: FREUD, Sigmund. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021c.
- FULGENCIO, Leopoldo. Os objetivos do tratamento psicanalítico para Freud e para Winnicott. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 344-361, ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v23i2p344-361>.
- GREEN, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- HARTMANN, Heinz. *Psicologia do ego e o problema de adaptação*. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968.
- IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Sobre fundamentos da clínica. In: FREUD, Sigmund. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. pp. 7-15. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).
- LAPLANCHE, Jean. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LAPLANCHE, Jean. A revolução copernicana inacabada. *Percurso*, São Paulo, n. 56/57, p. 1-12, jun./dez 2016. Disponível em: <http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/percurso-2016-56-57-4.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- LOUREIRO, Inês. *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico*. São Paulo: Escuta: FAPESP, 2002.
- MONZANI, Luiz Roberto. Uma revolução semântica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, n. 480, p. 7-9, 7 set. 1989a.
- MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989b.
- PRADO JR., Bento. Habermas intérprete de Freud. In: FULGENCIO, Leopoldo; SIMANKE, Richard Theisen. *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005. pp. 13-31.
- PSICOLOGÍA DEL YO. In: Diccionario enciclopédico interregional de psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Internacional. Disponível em: <https://online.flippingbook.com/view/1045111/2/>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- ROSENBERG, Benno. *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta, 2003.
- SAFATLE, Vladimir. Aquele que diz “não”: sobre um modo peculiar de falar de si. In: FREUD, Sigmund. *A negação*. São Paulo: Cosac Naify, 2014, pp. 34-53.
- SAINT-GIRONS, Baldine. Sublimação. In: KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, pp. 494-501.
- SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. *A crítica ao Eu na Modernidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.
- SCARFONE, Dominique. La déssexualisation. *TRANS: Revue de psychanalyse*. Montréal, n. 8, p. 127-144, 1997. Disponível em: <http://mapageweb.umontreal.ca/scarfond/T8/8-Scarfone.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- SCHNEIDER, Monique. *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Escuta, 1993.
- SILVEIRA, Lea. Três passos para escrever sobre Freud negligenciando o conceito de pulsão: Bento Prado Jr. e a denúncia da degradação intelectualista da psicanálise em ‘Conhecimento e Interesse’. *Sísifo*, Feira de Santana, n. 7, p. 53-74. maio 2018. Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2018/05/tres-passos-para-escrever-sobre-freud.html>. Acesso em: 6 mar. 2022.
- TAVARES, Pedro Heliodoro. A língua alemã em Freud – E Eu com Isso? *Acheronta*, Buenos Aires, n. 25, dez. 2008. Disponível em: <https://www.acheronta.org/acheronta25/demoraes.htm>. Acesso em: 12 nov. 2021.

